

DIÁLOGOS PARA UMA HISTÓRIA ATRAVÉS DE IMAGENS: Um Estudo de Símbolos das Expressões Socioculturais Indígena Xukuru do Ororubá na Aldeia Vila de Cimbres (Pesqueira-PE)

DIALOGUES FOR A HISTORY THROUGH IMAGES: A Study of the Symbols in the Indigenous Xukuru Sociocultural Expressions of Ororubá in the Village of Vila de Cimbres (Pesqueira-PE)

Ricardo Ferreira das Neves¹
Edson Hely Silva²

Resumo: A pesquisa objetivou analisar os aspectos simbólicos em representações imagéticas nas expressões socioculturais indígenas Xukuru do Ororubá, na Aldeia Vila de Cimbres, Pesqueira (PE). Os Xukuru do Ororubá afirmam a identidade indígena materializados em rituais, danças, cultos, objetos, locais, pessoas e artes. Essa materialização pode ser observada por um signo, a fotografia. A partir da observação e captação fotográfica, cuja análise barthesiana sucedeu os sentidos denotados e conotados estabelecidos pelas fotografias. Os símbolos expressaram fortes relações com o sobrenatural — os Encantados, principalmente, a Mãe Tamain, espírito de luz superior, e Dona Zenilda, Cacique “Xicão” (*Encantado de Luz*) e Cacique Marcos, como símbolos de representatividade. A barretina representa um aspecto identitário específico dos Xukuru do Ororubá.

Palavras-chave: Pesqueira, Indígenas, Símbolos, Fotografias, História.

Abstract: This research aimed to analyze the symbolic aspects of imagetic representations within the sociocultural expressions of the Xukuru do Ororubá Indigenous people in the village of Vila de Cimbres, Pesqueira (PE). The Xukuru do Ororubá affirm their Indigenous identity as materialized in rituals, dances, worship, objects, places, individuals, and arts. This materialization can be observed through a sign: photography. Based on observation and photographic documentation, a Barthesian analysis was performed to examine the denotative and connotative meanings established by the photographs. The symbols expressed strong ties to the supernatural — the *Encantados* — especially Mãe Tamain, a spirit of higher light, and Dona Zenilda, Chief “Xicão” (*Encantado de Luz*), and Chief Marcos, as symbols of representation. The *barretina* represents a specific identity maker of the Xukuru do Ororubá.

Keywords: Pesqueira, Indigenous, Symbols, Photographs, History.

Introdução

Em diferentes espaços, caracterizados como ontológicos, históricos ou epistemológicos estabelecem-se novos conhecimentos existentes em signos consolidados através de simbologias, caracterizadas por meio de imagens presentes nas artes, nas danças e em rituais, informados pela linguagem escrita, falada ou iconográfica. Deles emergem símbolos que podem materializar a história e a cultura de um povo; expressando

¹ Doutor em Ensino de Ciências e Matemática (UFRPE). Professor associado UFPE/CAV. Professor do PPGEDU/UFPE e do PPGEC/UFRPE. E-mail: ricardo.fneves2@ufpe.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7874863774346301>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2500-2817>.

² Doutor em História (UNICAMP). Professor Titular de História da UFPE. Professor do PROFHISTÓRIA/UFPE e do PPGH/UFRPE. E-mail: edsonsilva@capufpe.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9552532754817586>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6213-9927>.

uma mensagem em signos (Silva; Neves; França, 2023), os quais possibilitam a comunicação de conceitos e ideias. Além disso, atuam no processo de formação discursiva do indivíduo em sua significação, desempenhando um papel fundamental na constituição e construção social-histórica de um povo, evidenciando aspectos pelos quais o sujeito pode perceber os processos de sua identidade sociocultural, constituindo um conjunto de sinais para a emissão de comportamentos de um grupo ou pessoa.

A partir de uma abordagem histórica podemos compreender os processos socioculturais de um grupo, a construção de conhecimentos, valores e dogmas, estabelecendo um olhar sobre o contexto de vida. É possível perceber expressões do povo Xukuru do Ororubá, para além dos aspectos simbólicos específicos da chamada Cultura. Também se pode conhecer outras perspectivas como o samba de coco, a banda de pífano e o envolvimento de crianças nos momentos de festividades, na afirmação das expressões socioculturais indígenas (Vieira, 2018). Para além disso, destaca-se a importância da história como base para legitimar as expressões socioculturais e o legado desse povo indígena.

A pesquisa objetivou analisar os aspectos socioculturais simbólicos em representações imagéticas nas expressões socioculturais indígenas Xukuru do Ororubá, na Aldeia Vila de Cimbres, Pesqueira/PE. Procuramos tecer algumas considerações sobre essa simbologia indígena, oportunizando às pessoas novas perspectivas, que por vezes, foram invisibilizadas pela sociedade, mas que podem ser expressadas à história por meio de imagens. Assim, acreditamos que um estudo sobre o potencial dos símbolos no âmbito histórico-iconográfico, possibilitará observar diferentes perspectivas acerca dos múltiplos sentidos e significados, envolvendo as expressões socioculturais Xukuru do Ororubá.

Imagens como signos: a fotografia como representação de mundo

Os signos constituem um conjunto de sinais produzidos humanamente, formando um sistema de estímulos e que pode interferir na ação psicológica e, consequentemente, no comportamento do sujeito. Um desses tipos é a imagem, a qual pode representar um objeto, uma situação ou um fenômeno. Algumas delas estão mais próximas das formas perceptivas do que observamos efetivamente, ainda que sejam construídas a partir de uma estética implicando certo distanciamento iconográfico em relação ao objeto que se deseja representar (Souza, 2019).

A imagem pode não comunicar uma única mensagem para aqueles que a observam, pois apresenta um caráter polissêmico, gerando no sujeito diversas

interpretações e múltiplos significados (Barthes, 2018). Assim, as estruturas pictóricas criam outras imagens das situações vivenciadas, por meio de uma segunda mensagem, atendendo a interesses de grupos ou instituições sociais nas quais são lidas, produzidas e circulam (Souza, 2019). Nesse caso, temos as fotografias, que podem oportunizar diferentes olhares sobre costumes e hábitos da vida humana (Silva; França; Neves, 2023).

A fotografia é um tipo de arte, que se utiliza da luz para expressar o mundo (Rodrigues, 2015), a partir dela, podem emergir processos identitários pautados em sentimentos e emoções, frutos da criatividade humana sobre as representações de mundo. Expressa o “real sem alterações”, carregando mensagens visuais que geram significados diversos, permitem uma objetividade do mundo real tal qual ele se apresenta (Souza, 2019), e por ser um produto sociocultural, contribui para reflexões a cerca das ações e informações comportamentais, estimulando processos de ressignificação (Mauad, 2015).

A fotografia emite ideias que a partir do olhar do observador, possibilita ao sujeito expressa a sua visão de mundo e estabelece um caráter de “verdadeiro” que junto ao texto escrito promove uma “realidade” (Souza, 2019, p. 10), pois “[...] a fotografia não só informa como também conforma uma determinada visão de mundo”. Possibilitando a leitura de aspectos imbricados, que mediante o olhar do sujeito observador, da sua percepção e dos valores estabelecidos na imagem, pode expor elementos e interseções que nela se escondem e que muitas vezes, de forma obtusa, embora presentes, não são retratados. Assim, a fotografia contribuindo para fomentar concepções, princípios e valores, atuando como um testemunho concreto e histórico de uma realidade, de um grupo, de um povo.

A imagem fotográfica como representação simbólica de um povo

Os símbolos representados por imagens estão associados ao cotidiano dos primeiros grupos humanos, quando o homem primitivo realizava pinturas em rochas, retratando as relações entre os indivíduos e a natureza (Silva, 2017). O processo histórico, ao ser descrito por meio de imagens, evidencia diferentes manifestações artísticas de um povo, expressando hábitos e comportamentos, retratados em símbolos abordados em esculturas, pinturas, danças, letras de músicas e cantos, ritos e a própria figura humana.

A fotografia pode caracterizar símbolos, ao registrar cenas do cotidiano de pessoas, envoltas em contextos socioculturais (Burke, 2017), uma vez que promove conexões entre o homem, o conhecimento científico e a cultura, assim como aspectos espirituais, biológicos e históricos (Silva; Guimarães, 2004). E constitui uma história-

iconográfica simbólica, pois se trata de um “[...] conjunto muito complexo de representações, organizadas por um código de relações e de valores: tradições, religião, leis, política, ética e artes [...]” (Benveniste, 2023, p. 32).

Assim, é possível estabelecer e comunicar ideias, atribuir significados e captar elementos, permitindo observação do cotidiano, das experiências e fatos decorrentes da cultura e da expressão de sujeitos ou de grupos que estão inseridos (Burke, 2017), configurando uma relação importante para destacar a cultura de um povo. A relação história-símbolos-fotografia envolve uma confluência no que diz respeito ao conservar das lembranças (Barthes, 2018), pois qualquer elemento retratado pela imagem serve como um indício histórico (Burke, 2017), e que muitas vezes, não foi narrado nem produzido em textos.

Em aprofundamento, considerando a importância educacional e histórica nos signos artísticos, neste caso, as fotografias, é possível utilizá-las em estudos, potencializando a aprendizagem científica (Correa; Laburú; Silva, 2018), com a captação de imagens, aliada a proposições de inferências acerca de perspectivas e elementos que compõem a arte. A partir da fotografia emergindo processos identitários pautados em sentimentos e emoções, frutos da criatividade humana sobre as representações do mundo.

Aspectos simbólicos das expressões socioculturais Xukuru do Ororubá na Aldeia Vila de Cimbres

Existem locais que, por si só promovem momentos de contemplação por meio das artes e de outras expressões, constituindo uma representação simbólica de um povo, evidenciando aspectos da história e formando sua identidade sociocultural. Outrossim, contextos históricos e políticos situam e formam um povo, como na Aldeia Vila de Cimbres, no alto da Serra do Ororubá, conhecida como Pesqueira, que, para os indígenas Xukuru do Ororubá, representa local de pescaria (Neves, 2021). Este local representa “o núcleo inicial da ocupação colonial portuguesa, é um espaço sagrado e daí a busca do domínio sobre ele” (Silva, 2003, p. 46).

Assim, “os símbolos e significados presentes no espaço sagrado são únicos para a comunidade. Naquele lugar há sinais que remontam às memórias do povo Xukuru do Ororubá, sobretudo as mobilizações e conquistas do território indígena” (Vieira, 2018, p. 56) e “integram o território ao seu modo de vida, sendo o espaço em que residem visto como parte social, econômica, política, religiosa e familiar dessa comunidade” (Silva *et al.*, 2020, p. 189).

Entre muitos símbolos, existem aqueles que fomentam poder e subordinam os Xukuru do Ororubá, expressos a partir “da natureza sagrada, dos encantos de luz, de Mãe Tamain e de Pai Tupã consubstanciados no Toré” (Neves, 2005, p. 114). Também é possível observar símbolos em letras de músicas, objetos, rochas, esculturas, quadros, pinturas em ambientes, corpos ou em desenhos, ou ainda na “materialização” do sobrenatural, representados pelos seres iluminados - os Encantados de Luz. “A Natureza, a cultura e as relações territoriais se inter-relacionam e servem de base para a reprodução e continuidade material e simbólica dos seus saberes” (Silva *et al.*, 2020, p. 189).

Essa simbologia detém sentido único para quem a carrega quanto para o intérprete, e caracteriza a identidade sociocultural e religiosa do povo Xukuru do Ororubá. E se manifesta, principalmente através de pessoas representando as mobilizações para manter a construção dessa identidade Xukuru do Ororubá, pois “muitas coisas, não só as palavras, dependendo da recepção que recebem da mente, podem fazer com que o signo seja simbólico” (Paião; Marques, 2014, p. 28).

A representatividade simbólica foi perpetuada através do Cacique “Xicão”, representando “uma figura de destaque somado porque conseguiu reunir várias forças no território e não somente para os Xukuru do Ororubá, mas para outros povos indígenas na Região Nordeste e no Brasil” (Benites, 2022, p. 3). Outros representantes compartilham os ideais de mobilizações pela afirmação identitária desse povo, como a Mãe Zenilda e o Cacique Marcos, colaborando para que os aspectos socioculturais sejam conhecidos pela sociedade, garantindo os valores socioculturais do povo Xukuru do Ororubá.

Metodologia

A pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo descritiva, procurando extrair informações para a compreensão do objeto na análise pictórica, buscando descrever as características de um determinado grupo ou atitudes de uma população-alvo (Severino, 2017). O campo foi o território Xukuru do Ororubá, Pesqueira-PE, especificamente, a Aldeia Vila de Cimbres, que constitui um importante espaço religioso, com expressões socioculturais e cujos símbolos retratam e representam a história desse povo indígena.

Para a coleta de dados, forma realizadas visitas ao território indígena, durante atividades em aulas de campos nos semestres 2024.1 e 2024.2, e quando dos eventos político-culturais e religiosos dos Xuruku (Assembleia Xukuru — maio/2024 e Festa de Mãe Tamain — junho/2024). Dessa forma, ocorreu por meio da *Observação*: caracterização do espaço, levantamento de informações e verificação dos símbolos para

o estudo e da *Captação fotográfica*: levantamento e registro fotográfico dos símbolos em relações aos Xukuru do Ororubá.

A análise das fotografias ocorreu mediante perspectiva barthesiana, sucedendo os procedimentos de análise dos sentidos denotados e conotados (Barthes, 2018), sendo a mensagem *Denotada* caracterizada por “objetividade e representação do mundo conforme ele se apresenta, e sem transformações” (p. 28), enquanto a mensagem *Conotada* é representada por “subjetividade do criador da fotografia, associado a um estilo, a escolha do ângulo, ao enquadramento e outros efeitos” (p. 28).

Outrossim, utilizamos a Análise de Conteúdo na perspectiva de Bardin (2016), considerando as etapas: *Pré-análise*: contato inicial com os dados que serão analisados. *Exploração do material*: categorização com a sistematização dos componentes imbricados nas fotografias, podendo ocorrer a partir do agrupamento de unidades de registro semelhantes, a fim de compor as categorias. *Tratamento e interpretação dos resultados*: apontamento e discussão das informações captadas, permitindo o estabelecimento de quadros de resultados, diagramas e figuras.

Resultados e Discussão

A fotografia nos permitiu um registro automático dos espaços socioculturais dos indígenas Xukuru do Ororubá, por meio do qual procuramos descrever as relações socioculturais desse povo. Diante disso, agrupamos os símbolos em aproximações, pois “são grandes sínteses sociais, resultantes da elaboração de grandes complexos de imagens e vivencias de todos os tipos. Por isso, as imagens evocam os símbolos, e, ao evocá-los, os ritualizam e os atualizam [...]” (Baitello Junior, 2014, p. 24).

Categoria: Símbolos Elementos de Religiosidade - relação com o espiritual ou se apresenta nesse contexto. Subcategoria: *Culto, Adoração e Devoção* — Altar Peji (Aldeia Couro d’Antas), Altar Semementeira (Casa de Sementes), Altar Peji (Aldeia Pedra d’Água), Coité, Jurema, Igreja Nossa Senhora da Montanhas e Espaço de Sacrifício. A figura 1, representa o Altar Peji, na Aldeia Couro d’Antas, um espaço de culto e adoração aos espíritos de luz (Encantados), utilizados na realização dos rituais sagrados com ritos e para os encontros dos Xukuru do Ororubá. Trata-se de um local que simboliza momentos de consagração e conexão com o sobrenatural.

Figura 1 – Altar de Adoração – Altar Peji



Fonte: Os autores, 2024.

O Altar Peji cujo termo “vem da Umbanda, para nomear o altar central onde são depositados os objetos consagrados utilizados e ofertados aos “Encantados” no Ritual Sagrado” (Melo, 2020, p. 231), o qual foi construído com elementos naturais: madeira, palha e barro numa mata densa. No centro, observam-se vasos, barretina e velas acesas. E é ornamentado de acordo com os períodos festivos, podendo conter bandeiras, imagens de Iemanjá, água do mar, conchas, folhas e sementes (Vieira, 2018).

É um espaço estabelecido pelos espíritos de luz; rodeado de árvores e do canto de aves em uma mata fechada que transmite energia, força e luz ao povo indígena, e próximo, iniciando o ritual do Toré e com a bebida da jurema oferecida no coité (cuia). Na figura 2, observamos outro local de culto e adoração, o qual denominamos de Altar Sementeira, por estar localizado na “Casa de Sementes”, na Aldeia Couro d’Antas.

Figura 2 – Altar Sementeira na Casa de Sementes



Fonte: Os autores, 2024.

Esse altar foi construído com plantas dobradas em fechos em forma de V, com vasos de argila (barro) em cada extremidade e no interior rochas de cor esbranquiçadas,

que compõem uma posição triangular. Existe respeito e interligação do povo Xukuru do Ororubá com o espiritual, de modo que a adoração não se reduz a uma simples repetição de dogmas, mas se configura como expressão de vida, amor, cuidado e fé. Na figura 3, observamos outro Altar Peji, representando em outro espaço de culto e adoração, localizado na Aldeia Pedra d'Água (Terreiro Pedra d'Água).

Figura 3 – Altar de Adoração – Altar Peji



Fonte: Os autores, 2024.

O altar (figura 3-A) compreendendo uma construção em formato triangular constituída por madeiras e palhas, ornamentadas por flores. E no seu interior (figura 3-B), observamos materiais utilizados no ritual (cesta, pratos, velas e barretina — véu sagrado dos Xukuru do Ororubá). A figura 4, representa o coité. Um objeto confeccionado com a quenga do coco, servindo como cuia. É utilizada nos rituais Xukuru do Ororubá. Enquanto a figura 5, representa a Jurema dos Xukuru. Essa planta é sagrada para o povo Xukuru do Ororubá, ocupando um aspecto representativo junto ao Altar Peji, da qual se produz a bebida servida no coité durante o toré.

Figura 4 – Objeto no Toré – Coité



Fonte: Os autores, 2024.

Figura 5 – Exilir “Bebida” – Jurema



Fonte: Os autores, 2024.

A Jurema é uma planta de cor verde com folhas pinadas (partem do prolongamento do pecíolo). A partir da raiz ou casca é produzida a bebida, (alguns povos indígenas em Pernambuco, chamam o “vinho da Jurema”) (Batista, 2024), a qual é colocada no coité e compartilhada no ritual do Toré. Em sua preparação, a água de Jurema preta é elaborada por um líder de clado importante durante e após o ritual, sendo distribuída aos participantes e aos encantados de luz, quando descem ao final do Toré (Vieira, 2018).

Após o ritual do Toré é possível que pessoas não indígenas participem apenas em observadoras deste momento, cujos indígenas preparam a bebida para ser distribuída aos visitantes, sendo da casca da árvore, pois como a Jurema está relacionada com o ritual e o encontro com os Encantados, somente os indígenas presentes compartilham do “elixir” da raiz. Na figura 6, observamos a Igreja Nossa Senhora das Montanhas, na Aldeia Vila de Cimbres, que para os Xukuru do Ororubá, a santa é a representação da Mãe *Tamain*, um espírito de luz maior, protegendo, cuidando e orientando os indígenas.

Essa igreja de origem católica romana — Nossa Senhora das Montanhas (6-A) — cujo ritual ocorre em seu interior, no período junino (24 de junho a 2 de julho), na festa de São João e em comemoração à Mãe Tamain (6-B), com a celebração de danças e músicas pelas graças alcançadas e conquistas realizadas no interior da igreja e externamente. Ainda que os Xukuru do Ororubá estejam envolvidos em um contexto espiritual sagrado com as entidades sobrenaturais “os Encantados”, aderiram as representações da religião católica cristã, por influências dos padres oratorianos, mostrando o poderio e o julgo do catolicismo sobre outras expressões socioculturais e crenças.

Figura 6 – Igreja Nossa Senhora da Montanhas – Mãe *Tamain*



Fonte: Os autores, 2024.

A figura 7 (A e B) comprehende o espaço de sacrifício — Aldeia Vila de Cimbres, uma área central onde é realizada a queima da lenha (festa de São João e adoração a Mãe Tamain). É acesa grande fogueira de madeira (recolhida um dia antes, sob a orientação dos Encantados), sendo colocada em frente a cruz de madeira, fixada sobre base verde de concreto.

Figura 7 – Espaço de Adoração e Culto – Espaço de Sacrificio



Fonte: Os autores, 2024.

Após o término da comemoração, os Xukuru do Ororubá seguem para o Salão São Miguel, próximo ao templo católico romano. A cada ano, é estabelecido um local diferente para se coletar a madeira, sendo o retorno ao mesmo espaço, somente após 10 anos, demonstrando respeito ao ambiente e consciência ambiental.

Categoria: Símbolos Poder e Espiritualidade — busca do poder espiritual para orientação do povo Xukuru do Ororubá. Subcategoria: *Força e Cura Espiritual* - a Casa de Cura, a Pedra do Caboclo, a Pedra do Conselho, Pedra do Rei do Orubá e o Cemitério. Na figura 8, temos a “Casa de Cura”, um espaço utilizado para rituais de cura e adoração aos encantados do povo Xukuru do Ororubá, localizada na Aldeia Couro d’Antas. A construção envolve elementos da natureza (barro, madeira e palha), sendo erguida sob orientação dos espíritos de luz “Encantados”.

Figura 8 – Espaço de Cura e Culto – Casa de Cura



Fonte: Os autores, 2024.

Este espaço é um símbolo de espiritualidade, que transmite cura, força e poder para os indígenas, sendo utilizado para ritos e encontros com os Encantados. Segundo Vieira (2018), a Casa de Cura representa uma bioconstrução em que se realizam os encontros espirituais e também o Toré. Nesse local são discutidas as técnicas ancestrais e a chamada medicina tradicional, que utiliza à natureza para curar os indígenas, as quais foram suprimidas no período colonial (Oliveira, 2018). Na figura 9, temos a Pedra do Caboclo (os que não possuem terra), representando um espaço de cura localizada na Aldeia Couro d'Antas.

Figura 9 – Monte Sagrado – Pedra do Caboclo



Fonte: Os autores, 2024.

A Pedra do Caboclo é um monte rochoso com depressões em área de vegetação verde e seca, onde os indígenas sobem para meditação e para a busca de forças, energias e orientação espiritual. O local também é conhecido como Laje do Caboclo “um afloramento rochoso que pode ser alcançado por uma trilha a partir do Terreiro” (Vieira, 2018, p. 49). Na figura 10, temos a Pedra do Conselho, localizado na Aldeia Vila de Cimbres, e representa um local de encontro para decisões, culto e meditação do povo Xukuru do Ororubá.

Figura 10 – Monte Sagrado – Pedra do Conselho



Fonte: Os autores, 2024.

A Pedra do Conselho “Pedra do Rei”, é caracterizada como um pequeno afloramento rochoso, no qual os Xukuru do Ororubá se reúnem apenas no período junino, para meditação e encontro com os Encantados. A celebração ocorre à meia-noite, somente com a presença dos indígenas. Existe a narrativa que, quando um indígena durante o ritual, subindo na rocha escorregar e cair, morrerá no ano corrente. Na figura 11, temos a Pedra do Rei Orubá, uma grande e elevada estrutura rochosa. Um local de reverência do povo Xukuru do Ororubá, localizada na Aldeia Pedra d’Água.

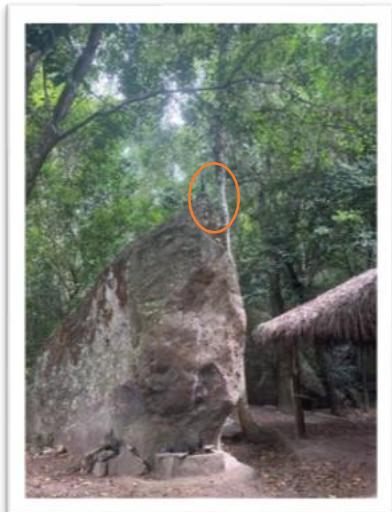
Figura 11 – Monte Sagrado – Pedra do Rei do Orubá



Fonte: Os autores, 2024.

Próximo à Pedra do Rei do Orubá, existe uma vegetação densa que constitui a Mata da Pedra d’Água, com uma clareira para o Terreiro e dançar o Toré. Também o cemitério indígena, onde estão “plantados” Xicão e outros indígenas, para que deles “nasçam novos guerreiros”. Na figura 12, temos o cemitério apenas de indígenas Xukuru do Ororubá. E guarda os corpos dos grandes líderes e representantes do povo indígena, e nele são realizados rituais em devoção àqueles que, embora não existem materialmente entre nós, mas que se tornaram Encantados de Luz.

Figura 12 – Espaço de seres “plantados” – cemitério indígena



Fonte: Os autores, 2024.

O acesso ao cemitério requer pequena caminhada. O espaço no qual estão “plantados” alguns indígenas, dele emergem forças e orientação espiritual. Na figura 12, observamos uma elevação rochosa e em cima, a imagem de Padre Cícero. Isso demonstrando as influências do catolicismo romano popular nas práticas religiosas indígenas. Ao lado, o espaço de culto e orientação espiritual, quando ocorrem celebrações das mobilizações, conquistas e casamentos.

Categoria: Símbolos Elementos de Comunhão — fé ao sobrenatural e orientação espiritual. Subcategoria: *Elevação Cultural e Espiritual* — Casa das Sementes, Espaço Mandaru e vestimentas e adornos. Na figura 13, temos a Casa das Sementes — Mãe Zenilda, localizada na Aldeia Couro d’Antas. E foi construída em formato circunferencial e de tijolos aparentes. Em seu interior encontramos o Altar Semementeira, quadros com imagens dos sábios e sábias Xukuru do Ororubá, laboratório de plantas medicinais e “lojinha” de artesanatos

Figura 13 – Espaço de culto e encontros – Casa das Sementes



Fonte: Os autores, 2024.

O formato circunferencial, remete a um círculo e a uma ciclagem, em que todos presentes desempenham papéis importantes. Assim, todos podem olhar entre si, promovendo uma unidade em movimento, gerando novos rumos e perspectivas. O local comprehende um espaço de diálogos e discussões para o público em geral, com palestras, ensaio de grupo musical e encontros com os líderes indígenas, comemorações e festividades. Na figura 14, temos o Espaço Mandaru, localizado em Pedra d'Água, no qual ocorre as Assembleias Xukuru do Ororubá e outras atividades religiosas.

Figura 14 – Espaço de culto e encontros – Espaço Mandaru



Fonte: Os autores, 2024

O Espaço Mandaru comprehende uma “casa” em formato triangular, construída com madeira e palha seca, no qual ocorre anualmente a Assembleia. É rodeado por outras “casinhas”, que durante as festividades servem como local de mostra artesanal e outras artes, além de uma cozinha para preparar a alimentação dos participantes. Esse espaço promove aspectos das expressões socioculturais, apresentando-se como um elemento identitário (Burke, 2017). Na figura 15, observamos vestimentas e adornos específicos utilizados pelos Xukuru do Ororubá, em eventos religiosos ou festivos. Sobre suas cabeças estão as barretinas confeccionadas com palha de coqueiro, que representa o manto sagrado, configurando um símbolo da identidade.

Figura 15 – Vestimentas e adornos do povo indígena Xukuru do Ororubá



Fonte: Os autores, 2024.

Observando as imagens, percebe-se em seus pescoços, colares de cores brancas e pretas confeccionados com sementes lágrimas-de-Maria, utilizados com entrelaçamentos em formato de cruz sobre o tórax, atuando como um elemento de proteção religiosa. Nos braços e pernas percebemos cordões de cor branca como representação de força. E saíotes, os tacós de palha de coqueiro e as pinturas naturais retangulares na cor preta (força e proteção). Os desenhos corporais remetem a busca de uma similaridade com pele das serpentes cascavel (guerras e lutas) e jiboia (cerimônias). Existem ainda o maracá, um instrumento para chamar os Encantados e o Jupago que é um cajado de madeira; ambos utilizado no Toré.

Categoria: Símbolos Ritos e Cânticos — musicalidade e dança. *Subcategoria: Movimentos e Musicalidade* — o Toré. Na figura 16, temos um símbolo de grande relevância para os Xukuru do Ororubá — o ritual do Toré. Realizado na Aldeia Couro d'Antas, cujas imagens representam uma sintaxe, do que Barthes (2018), denominou como uma sequência de momentos estabelecidos em etapas para compor um conjunto de situações, as quais individualmente conotariam várias interpretações, mas que juntas, possibilitam a sua completude e compreensão em magnitude.

No Toré ocorrem movimentos circulares com passos fixos e firmes, cujos indígenas dançam e professam através de músicas, com repetição de falas, a sua fé, sendo sempre guiados por um representante do grupo. Esse ritual é realizado junto ao Altar Peji

e bebendo a Jurema no Coité. Diante disso, a fotografia atua como um tipo de signo, representando uma das formas de compartilhamento simbólico e socialização de vivências (Souza, 2019).

Figura 16 – Momento no ritual do Toré



Fonte: Os autores, 2024.

Categoria: Símbolos Sujeitos Xukuru — símbolos personificados em seres humanos. Subcategoria: *Representação de Conhecimento, Força e Lutas* - Mãe Zenilda, Cacique “Xicão” (Encantado de Luz) e Cacique Marcos.

Na figura 17, observamos sujeitos representantes como símbolo dos Xukuru do Ororubá, que através de conhecimentos, valores e ativismo político são exemplos de representatividade para os indígenas. Para Pierce (2000), as pessoas podem tornar-se símbolos, quando estabelecido por convenção social, ou seja, representa algo significativo para um grupo ou sociedade. Também, Ribeiro (2010), em que o sujeito adquiriu valor simbólico e significados diversos para aquela comunidade, por meio da projeção social.

Figura 17 – Indígenas símbolos dos Xukuru do Ororubá



Zenilda

Cacique “Xicão”

Fonte: Captada na 24ª Assembleia Xukuru, Alefia Pedra d'Água - Pesqueira, 2024.



Cacique Marcos

Fonte: Os autores, 2024.

Entendemos então que, para alguém ser um símbolo enquanto pessoa, houve uma corporificação através de fatores específicos cunhados socialmente. São considerados pessoas respeitadas e caracterizadas como exemplos a serem seguidos, tornando-se símbolos. E emergem nos Xukuru como símbolos de conhecimentos, força e ativismo pelos direitos indígenas, destacam-se Dona Zenilda, Cacique “Xicão” (Encantado de Luz e Cacique Marcos, conforme figura 17 (A, B e C), respectivamente.

Esta tríade representa pessoas influentes no povo e que inspira respeito, esperança e fé. Com trajetórias de vidas narradas por todos que frequentam os espaços socioculturais, sendo exemplos para outros indígenas. Vale ressaltar que, ao se estabelecer uma pessoa como símbolo de um povo, ocorreu uma convenção social definida por aqueles que acompanham mudanças socioculturais. Esses indígenas, surgiram e foram acolhidos socialmente como exemplos. Então, os sujeitos-símbolos emergem com finalidades e significados específicos, fortalecendo os processos socioculturais e identitários do povo Xukuru do Ororubá.

Dona Zenilda, liderança do povo Xukuru do Ororubá. Por meio dela, as mulheres se veem como líderes e com posição no grupo, podendo seguir para além de mães, exemplos de força e sabedoria no povo indígena. A sua presença conota respeito a todos, porque em outros tempos, a figura de uma mulher indígena estava condicionada a estática e sem movimento, como vista a submissão, a ingenuidade e a inexperiência (Maas; Morales, 2022).

Cacique “Xicão” (Encantado de Luz), líder dos Xukuru do Ororubá. O herói do povo, pois atuou contra as ações dos fazendeiros invasores nas terras indígenas. Um exemplo de bravura se materializando em imagens (fotos, pinturas e esculturas), demonstrando o quanto foi/é um símbolo para todos os indígenas. O Cacique Marcos, ainda menor de idade foi incumbido de assumir a liderança Xukuru do Ororubá, após o assassinato do seu pai, a mando de fazendeiros. E entendeu que seria um orientador do povo, mediante as adversidades que os indígenas enfrentavam naquele momento. Isso ainda que, inconscientemente, contribuiu para que se tornasse aquele que continuaria a atuação de “Xicão” Xukuru, o que reforça as ideias de Peirce (2020), destacando que um símbolo novo somente poderá emergir através de um outro ou outros símbolos.

Outrossim, ainda jovem, teve uma responsabilidade significativa na condução do seu povo a um novo desbravamento, pois o símbolo “evoca uma comunidade que foi dividida e que se pode reagrupar (...). Assim, “o sentido do símbolo revela-se naquilo que é simultaneamente rompimento e união de suas partes separadas” (Chevalier; Gheerbrant, 2020, p. 21), cuja esperança e coragem o tornaram um símbolo para o povo Xukuru do Ororubá.

Considerações finais

A captação fotográfica apresentada sobre os símbolos socioculturais do povo Xukuru do Ororubá, expressa a identidade e promove reflexões sobre a construção de memórias e narrativas deste povo, estabelecendo um fragmento do espaço geográfico, sem descaracterizar o processo sociocultural e identitário indígena. Assim, a fotografia atuou como um elemento reflexão nos estudos socioculturais acerca dos Xukuru, sendo possível estabelecermos uma visão específica sobre esses indígenas na Aldeia Vila de Cimbres, em atividades e contextos diversos, possibilitando um diálogo com/sobre os conhecimentos deste povo.

A análise dos aspectos simbólicos conotam uma forte relação com o sobrenatural — os Encantados. Os Espíritos de Luz que os guiam e orientam quanto aos passos e decisões, principalmente, a Mãe Tamain, a qual representa uma divindade com grande poder, sendo considerada, um espírito superior. Outros símbolos foram materializados e caracterizados por meio de pinturas, artesanatos, espaços, altares, rochas “pedras”, “montes”, “casas”, músicas, danças e rituais, compondo a identidade Xukuru, sendo de grande importância local e na afirmação da sua diversidade étnica.

Cada espaço e elemento utilizado pelos Xukuru do Ororubá detém uma narrativa própria com grande representatividade construídos por orientação espiritual, sendo importantes para composição a identidade enquanto sujeito. Acreditamos que a forma de sua construção triangular e circunferencial, tenha relação com equilíbrio e unidade. A barretina é o símbolo Xukuru do Ororubá, representa um aspecto da identidade indígena.

Assim Zenilda, o Cacique “Xicão” (um Encantado de Luz) e o Cacique Marcos representam símbolos enquanto pessoas, que detém representatividade e respeito no povo indígena. As ações realizadas proporcionaram a materialização enquanto símbolos, cujos relatos e as narrativas durante os momentos observados conotaram essa evidência. Existe necessidade de explorarmos outros contextos para além da fotografia, como as músicas, cujas letras contém evocação às relações com a natureza e podem oportunizar novos olhares sobre os cânticos, utilizados durante os rituais dos Xukuru do Ororubá.

Referências

- BATISTA, Mercia Rejane Rangel. *De Caboclos da Assunção a Índios Truká: Estudo sobre a Emergência da Identidade Étnica Turká*. Campina Grande: EDUFCG, 2024.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Lisboa edições, 2016.
- BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III*. Portugal: Edições 70, 2018.
- BAITELLO JUNIOR, Norval. *A era da iconografia: reflexões sobre imagem, Comunicação, Mídia e Cultura*. São Paulo: Paulus, 2014.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. São Paulo: Pontes Editores, 2023.
- BURKE, Peter. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Unesp, 2017.
- BENITES, Flavio Joselino. A importância política do Cacique Xicão para mobilizações dos indígenas na Região Nordeste do Brasil. *ZIZ – Revista Discente de Ciência Política*, v. 1, n. 1, p. 90-116, 2022. DOI: 10.22409/ziz.v1i1.51913. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ziz/article/view/51913/31050>. Acesso em: 28 mar. 2025.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. José Olympio, 2020.
- CORREA, Cristiane A; LABURÚ, Carlos E; SILVA, Osmar H. de Moura. Leitura conotativa de um signo artístico: estratégia para potencializar o debate de conteúdos científicos nas aulas de física. *Ciências & Ideias*, Nilópolis, v. 9, n. 3, p. 106-124, 2018. Disponível em: <https://revistascientificas.ifrj.edu.br/index.php/reci/article/view/993/617>. Acesso em: 28 mar. 2025.

MAAS, Maria Letícia Briseño; MORALES, Thalía Érika Bernabé. Desigualdad y mujeres indígenas en los espacios educativos: pedagogías en investigación social en Oaxaca, México. *Quaestio: Revista de Estudos em Educação*, v. 2, n. e022041, p. 1-23, 2022. DOI: 10.22483/2177-5796.2022v24id4848. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/4848/4708>. Acesso em: 28 mar. 2025.

MAUAD, Ana Maria. Usos e funções da fotografia pública no conhecimento histórico escolar. *História da Educação [Online]*, v. 19, n. 47, p. 81-108, 2015. DOI: 10.1590/2236-3459/47244. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/heduc/a/CCJZ3LYLT7xV6RrDcRpbtmb/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 28 mar. 2025.

MELO, Constantino José Bezerra de. *O Ritual Sagrado: a religião indígena do povo Xukuru do Ororubá*, Pesqueira e Poção/PE. Olyver, 2020.

NEVES, Rita de Cássia M. Itinerário terapêutico, Biomedicina e atuação das equipes multidisciplinares de Saúde nos índios Xukuru do Ororubá, em Pernambuco e nos Tapuias de Tapará, no Rio Grande do Norte, Brasil. *CSOnline - Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, v. 33, p. 19-39, 2021. DOI: 10.34019/1981-2140.2021.33402. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/33402>. Acesso em: 28 mar. 2025.

NEVES, Rita de Cássia Maria. *Dramas e performances: o processo de reelaboração etnica Xukuru nos rituais, festas e conflitos*, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/103043>. Acesso em: 28 mar. 2025.

OLIVEIRA, José Wellington Carneiro de; CANEJO NETA, Laura Maria Sampaio; SPENCER, Maria Eduarda Valois; AZEVEDO, Maria Luiza Rebêlo de; MATOS, Nathalie Robeiro Pessoa; FEITOSA, Saulo Ferreira. Xeke Ketir – Casa de Cura Xukuru do Ororubá: reorientando a formação médica através da Educação Popular em Saúde. In CRUZ, Pedro José Santos Carneiro; RODRIGUES, Ana Maria Espídola; PEREIRA, Elina Alice Alves de Lima; ARAÚJO, Rena Soares de; ALENCAR, Islay Costa (orgs.). *Vivência de Extensão em Educação Popular no Brasil*, v. 2: Extensão e Educação Popular na Reorientação da Formação em Saúde. João Pessoa: CCTA, 2018. p. 41-60.

PAIÃO, Jéssica dos Santos; MARQUES, Elizabete Aparecida. Revisitando a Segunda Tricotomia se Peirce: uma proposta de análise. *Acta Semiotica et Lingvistica*, v. 19, n. 2, p. 24-37, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/actas/article/view/23450/12895>. Acesso em: 28 mar. 2025.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2020.

RIBEIRO, Emílio Soares. Um estudo sobre o símbolo, com base na Semiótica de Peirce. *Estudos Semióticos*, v. 6, n. 1, p. 46-53, 2010. Disponível em: <https://revistas.usp.br/esse/article/view/49258/53340>. Acesso em: 28 mar. 2025.

RODRIGUES, Ricardo Crisafulli. Análise e tematização da imagem fotográfica: determinação, delimitação e direcionamento dos discursos da imagem fotográfica. *Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação*, v. 8, n. 2, p. 268-269, 2015. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ci/a/bxHqRptRFCB8k9vNFJmnhnG/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 28 mar. 2025.

SEVERINO, Antonio José. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2017.

SILVA, Anderson Thiago Monteiro da; FRANCA, Suzane Bezerra de; NEVES, Ricardo Ferreira das. A Bioarte do Instituto Oficina Cerâmica Francisco Brennand: um estudo sobre as contribuições para o ensino e a aprendizagem nas Ciências Biológicas por meio da perspectiva dos mediadores. *Ciência & Educação (ONLINE)*, v. 29, p. 1-18, 2023. DOI: 10.1590/1516-731320230038. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/5KBGnrVzJmKXWMhxh5nFjFx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 mar. 2025.

SILVA, Beatriz B. da; GONÇALVES, Cláudio U; SANTOS JUNIOR, Avelar Araújo; PINTO, Luana E. Oliveira. *Limolaygo Toype*: as assembleias indígenas e a construção da identidade territorial dos Xukuru do Ororubá. *Revista NERA*, v. 23, n. 54, p. 186-211, 2020. DOI: 10.47946/rnera.v23i54.7917. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/7917/5706>. Acesso em: 28 mar. 2025.

SILVA, Rosimeire Alves da, & GUIMARÃES, Maricélio Medeiros. Arte Educação: facilitando o ensino de Morfologia. *EDUCERE - Revista de Educação da Unipar*, v. 4, n. 1, p. 55-64, 2004. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/educere/article/view/179/153>. Acesso em: 28 mar. 2025.

SILVA, Edson. Cultos e devoções Xukuru a santos católicos: história, reelaboração cultural e resistência indígena no Nordeste. *Fronteiras: Revista de História*, Campo Grande, MS, 7(14): 37-48, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/FRONTEIRAS/article/view/13480/6904>. Acesso em: 28 mar. 2025.

SILVA, Edson. *Xukuru: memórias e história dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira/PE), 1959-1988*. 2. ed. Recife: Editora UFPE, 2017.

SOUZA, Lúcia Helena Pralon de. As imagens dos livros didáticos de Ciências para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental e as visões de Saúde que veiculam. *Revista Horizontes*, v. 37, n. e019042, p. 1-18, 2019. DOI: 10.24933/horizontes.v37i0.735. Acesso em: 28 mar. 2025.

VIEIRA, João Luiz da Silva. *O Terreiro de Toré da Boa Vista como espaço sagrado do povo Xukuru do Ororubá, Pesqueira-PE*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, Recife, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ifpe.edu.br/xmlui/handle/123456789/159>. Acesso em: 28 mar. 2025.

Artigo recebido em 23/04/2025

Artigo aprovado para publicação em 24/10/2025

Editor (a) responsável: Luiza Ciurcio Possebon